

Sodomia: as homoafetividades a partir do discurso da doutrina do Vale do Amanhecer

Sodomy: homoaffectiveness from the discourse
of the Vale do Amanhecer doctrine

*Antonio Leonardo Figueiredo Calou**

Resumo

O objetivo deste artigo é explorar, através dos conceitos da doutrina do Vale do Amanhecer, as perspectivas e visões sobre as categorias de sexualidades – com ênfase na homoafetividade – buscando apurar através da sua mística crença, os seus fundamentos para discussão do tema. Com isso, utilizamos da análise de discursos para compormos o pensamento espiritualista cristão ao qual defende a doutrina, sobre as questões que envolvem as sexualidades, e mais especificamente, as homossexualidades. Dessa forma, analisamos os discursos presentes em alguns textos e cartas que compõe o universo teológico do Vale do Amanhecer, dentre esses, se destacaram o acervo digital Observações Tumarã e o livro Sob os olhos da Clarividente, escrito pelo último marido da fundadora – Mário Sassi – onde está localizado o texto Sodomia, objeto essencial para constituição das análises encontradas neste texto.

Palavras-Chave: Homoafetividades. Vale do Amanhecer. Discursos.

Abstract

The objective of this study is in the reality of the practice of the physical activities, with strings in the homoafetivity - in the objective to be matricature in the textual, their their fundating studies for discuss the theme. Thereby, we use the discourse analysis to compose the Christian spiritualist thought to which the doctrine defends, on the issues that involve sexualities, and more specifically, homosexuality. In this way, we analyze the discourses present in some texts and letters that compose the theological universe of the Valley of the Dawn, among them, the digital collection Observations Tumarã and the book Under the eyes of the Clairvoyant, written by the last husband of the founder - Mário Sassi - where the text Sodomia is located, essential object for constitution of the analyzes found in this text.

Keywords: Homoafetivities. Valley of the Dawn. Speeches.

* Doutorando em Psicologia (UFRN). E-mail: leo.calou@hotmail.com

Introdução

O presente artigo é um estudo sobre os elementos que integram a doutrina do Vale do Amanhecer e sua vinculação com a sexualidade. Neste sentido, os objetivos são demarcados a partir de questões relacionadas à homossexualidade,¹ emoção, história de vida e principalmente as contradições que a doutrina expressa sobre as bases articuladas.

Ao longo de um emaranhado de ideias, pensamos uma linha de raciocínio sobre a homossexualidade na doutrina do Vale do Amanhecer, porém esta linha terá formas variadas de ramificações, informações, dados, elementos, ligando ciência e religião. Enfatizamos então, as questões abordadas e os embates acerca do embasamento e criticidade científica que estão presentes na conjuntura que tornam algumas ciências legítimas no campo acadêmico.

O primeiro momento consiste de uma breve explicação histórica da criação e percurso da doutrina Vale do Amanhecer, mostrando quais bases a deram vida, quem foi a médium clarividente que fundou o conjunto de crenças, ritos e etc, e como a hierarquia orienta o sistema de leis mantendo a ordem dos comportamentos no recinto sagrado.

No segundo momento analisamos como a doutrina espiritualista cristã apresenta seus discursos sobre as homossexualidades, numa análise de discursos que se manifestam através de supostas narrativas deixadas pela médium Neiva e fundamentos em livros da doutrina, no qual tivemos acesso a partir da participação de um de nossos autores na doutrina do Vale do Amanhecer.

Contudo, tivemos a pretensão de fazer uma análise crítica, entre teorias, discursos e observações junto a crença, buscando entender o pensamento científico/religiosos da doutrina do Vale do Amanhecer sobre as bases das homossexualidades e como esse pensamento chegaria ao sujeito homossexual participante.

1. Um breve panorama histórico/conceitual sobre a doutrina do Vale do Amanhecer²

Pela crença de seu surgimento, em perspectiva missionária, vindo de seres de outras dimensões e planetas por intermédio de uma médium que se identificava com a clarividência, o Vale do Amanhecer foi se constituindo como um espaço religioso (ou doutrinário como se ressalta no meio sagrado) que tem se espalhado

pelo Brasil, seu país nativo e fora dele, aglomerando hoje uma grande quantidade de adeptos, que já cumprem com seus modelos de crenças e ritos sagrados.

De nacionalidade brasileira, o Vale do Amanhecer nasce da crença do reencarne de um espírito que se considera iluminado por trazer nessa encarnação a missão que se funda na doutrina religiosa. Neiva é o seu nome, brasileira, nordestina do estado Sergipe, viveu no período 1925 a 1985, falecendo com complicações cardiorrespiratórias. Os adeptos da doutrina acreditam que foi aos 32 anos de idade que suas capacidades mediúnicas ou metafísicas começaram a se manifestar e a cada passo desses manifestos os registros em feitos sobre a exaltação desse “espírito iluminado”, a exemplo o dia 9 de novembro de 1959, que de acordo com o guia de consultas do Vale do Amanhecer, o livro *Observações Tumarã* (2008), escrito por Silva, foi o dia em que “Tia Neiva ingressou na alta magia de nosso senhor Jesus Cristo” (Letra T do acervo, s/p), uma espécie de escola mística onde somente a médium e alguns outros espíritos iluminados participavam, através de seus dons mediúnicos. Tais dons caracterizavam a potencialidade que a diferenciava das outras pessoas. Neiva é considerada um espírito como Chico Xavier, Zé Arigó, Padre Cícero entre outros que se tornaram personalidades pelos seus dons místico-espirituais pelo Brasil. Essa característica de espírito iluminado e superior é bem enfática nos discursos do livro *Observações Tumarã* ao seu respeito:

O potencial de Tia Neiva não pode ser resumido na clarividência, pois ela foi dotada de mediunidade universal, isto é, possuía todos os tipos de mediunidade, qualidade peculiar de um ser Iluminado, pois, segundo a Lei dos Grandes Iniciados, somente um Iluminado pode iniciar alguém. [...].

E tudo isso devemos à nossa Mãe Clarividente, Tia Neiva, Koatay 108, que representa, para nós, aquele **ESPÍRITO DA VERDADE**,³ porque nos trouxe uma nova esperança, através desta Doutrina que nos libertou de dogmas religiosos e superstições, fazendo, em nossas mentes, a substituição de velhos ensinamentos, que exigiam a fé cega e desprezavam a razão, por noções simples e claras, com bases científicas, com idéias diretas e profundas que nos permitem entender o Universo que nos cerca, buscando o precioso veio da verdade nas diferentes correntes, religiões, seitas e filosofias, onde podemos buscar as grandes linhas trazidas de Capela, nos harmonizando e conciliando a Fé e a Ciência que nos impulsionam para a Nova Era. (Letra T do acervo, grifo do autor, s/p).

De acordo com as *Observações Tumarã* (2008), Neiva começou sua missão espiritual em 1958 e fundou em 1959 na Serra do Ouro Preto em Goiás a UESB,

a União Espiritualista Seta Branca, passando por Taguatinga em 1964 com uma nova denominação a Ordem Espiritualista Cristã, até chegar a Planaltina, Distrito Federal, à exatamente dez anos a sua entrada espiritual na alta magia do senhor Jesus Cristo e da fundação da UESB. Seria então ali, no centro do país, em que se acreditava ser o espaço para construção do templo principal do Vale do Amanhecer – conhecido como Templo Mãe –, espaço há tempos procurado pela Clarividente e suas missões mediúnicas.

Sobre a sua formação enquanto doutrina espiritualista e religiosa, o Vale do Amanhecer não se distingue muito do caráter do espiritismo kardecista. Em forma crítica comparativa do sistema de religiosidade, a própria fundadora assume essa aproximação de concepções e teorias.

Há muitos anos venho tentando esclarecer o espírito da Verdade, porém sem qualquer pretensão ou interesse em divulgar o Espiritismo, o Espiritismo tão profanado por todas as religiões. O Espiritismo classificado de Allan Kardec é o único aceito, que ainda se respeita. Não podemos negar que somos baseados nele. (Tia Neiva, 20.6.75).

Utilizamos o termo **espírita** para designar aquele que professa o Espiritismo, isto é, o seguidor da Doutrina Kardecista, e **espiritualista** para os que seguem outras linhas de manipulação das forças espirituais. (Letra E do acervo, grifo do autor, s/p, SILVA, 2008).

Baseado pelo espiritismo que nasce na interface da razão positivista de August Comte e sofre grande influência da psicanálise de Freud, sendo por ela estudada posteriormente, Hippolyte Léon-Denizard Rivail, também chamado de Allan Kardec, avaliando supostas experiências de vida após a morte, concebe luz acerca do espiritismo e sua criação, dentro de um contexto considerado por ele de caráter científico e religioso (ARAÚJO, 2016; BIANECK, 2012; BIRMAN, 2005; NEGRÃO, 1993). Suas principais defesas como formação consistem na ideia de reencarnação, sugerindo que o corpo ao qual compomos é habitado por um espírito, no sentido de uma essência divina que encarna ao nascermos e desencarna quando morremos, numa espécie de transição de pagamentos. Um sistema de dívidas entre uma vida e outra. Essas transições se denominam de carma.

O carma é uma categoria teórica do espiritismo que recebem grandes influências acerca das teorias evolucionistas que eclodiam em meados dos séculos XVII e XVIII. Tal concepção afirma que todo espírito encarnado, passa por uma

transição de pagamentos de vidas anteriores, buscando a sua evolução (santificação através da prática do bem). Neste sentido, o corpo humano morre, mas o espírito vive em constante evolução.

O cristianismo tem grandes influências acerca da criação do espiritismo kardecista, pois é através de uma tentativa de conceber razão sobre o evangelho de Cristo que Allan Kardec escreveu o *Evangelho segundo o espiritismo*, uma obra com uma vasta compreensão cristã sobre as ideias das teorias reencarnacionistas.

Mesmo atribuindo a mesma concepção do espiritismo, Tia Neiva se caracteriza diferenciada da vertente primeira do espiritismo, como também da umbanda e do candomblé (religiões de matriz afro-brasileiras com práticas/rituais que se aproximam o Vale do Amanhecer). Mesmo sendo originária do Brasil como a umbanda, ambas de ramificação do espiritismo kardecista e do candomblé, que são de origem francesa e africana, tanto o Vale do Amanhecer, como a umbanda, não se identificam com suas constituições enquanto religiões. A umbanda tem uma especificidade que alguns pesquisadores costumam trazer a reflexão sobre o caráter da questão de ser uma religião de matriz africana, mas que se elitiza pelo kardecismo, acreditando-se ter raízes nele (BIRMAN, 2005; NEGRÃO, 1993). O Vale do Amanhecer reconhece a influência do espiritismo, mas não se caracteriza como tal.

Eu sou uma espiritista, sou clarividente, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo! Tenho o meu ritual de trabalho, que não posso dizer que acompanho Allan Kardec ou que seja umbandista, e nem tão pouco do Candomblé. Não sou porque amo a minha corrente, tenho a minha missão.

Se não sou Kardecista, Umbandista ou do Candomblé é apenas porque tenho minha missão. Porém, amo a todos!

Sei que vai haver uma unificação entre nós, porém isto é muito delicado, pois não sabemos qual será escolhida por Deus para unificar as outras três. Mas, não me preocupo quanto a isto!”(Tia Neiva, 20.6.75). (Letra E do acervo, s/p, SILVA, 2008).

Podemos perceber um sentido no que difere o que é o espiritismo kardecista do espiritualismo cristão ao qual defende a Tia Neiva para a doutrina do Vale do Amanhecer. No entanto, tal categoria parece ir pelo inverso do que o autor Carlos Alberto Tolovi (2005) teoriza sobre o tema em questão, que caracteriza como “a

busca de uma relação com o divino, entendendo que isso pode acontecer no profundamente humano. Quando a religião ajuda a negar o mundo, para suportar o “mundo”, ela se transforma num ópio [...]” (p. 24).

O espiritualismo cristão então é um discurso existente no âmbito sagrado e identifica os sujeitos participantes da doutrina do Vale do Amanhecer, sem que sejam confundidos ou misturados a kardecistas, umbandistas ou candomblecistas.

Outra categoria teórica da doutrina, que é base para compreender o seu sistema de leis e o controle de comportamentos sobre o âmbito sagrado, é a hierarquia. É na hierarquia que aparece o sentido mais explícito do funcionamento do Vale do Amanhecer, através dela percebe-se toda uma conjuntura de construções que se manifestam por meio de leis criadas e deixadas pela Clarividente como forma de organização e de poder legítimo no espaço sagrado.

Filhos, hierarquia foi do que avisei!

Somente o Adjunto pode remover seus mestres e promover eventos, ou, sabe Deus, o que lhe convém.

Em iminência de fatos contrários à Doutrina, princípios sociais do Templo ou na conduta doutrinária, os Trinos Presidentes estão autorizados por mim, na figura de Koatay 108, a impedir ou mudar uma ordem de um mestre Adjunto. (Tia Neiva, 18.2.79). (Letra H do acervo, s/p, SILVA, 2008).

Sobre as bases de um trecho de uma oração cristã, os conceitos sobre hierarquia vão se fundamentar. Utiliza-se do fragmento “assim na terra como nos céus”⁴ para explicar que, como na terra dos seres humanos existe uma hierarquia sobre os papéis sociais, no seu sistema de interações e relações sociais, que acabam por identificar personalidades em destaque, como o presidente da república e as demais hierarquias, nos céus ou planos espirituais, não é diferente, existe da mesma forma uma hierarquia. Tal concepção teórica poderia nos abrir um legue de reflexões acerca de sua criação com base no sistema capitalista, vivenciado no contexto social e político do país, como também, questionamento do tipo, será que por influência da história dos “espíritos” ao qual conversava, em que esses teriam vivido em tempos de reinado, não pensaria a médium a teoria da hierarquia por essa perspectiva? Ou ao que Calou (2015) versava quando faz uma análise da conjuntura política da religião.

Tais características da doutrina nos fazem correlacionar ao modelo do espaço em que ela nasce. Nascida sobre o berço da política no Brasil, a doutrina do Vale do Amanhecer parece carregar em si muitos atributos de quem compreendia esse espaço, falando de sua criação pela Clarividente. O que nos faz pensar também a arquitetura do templo do Vale do Amanhecer, sendo projetada nas proximidades da cidade projetada, Brasília.

Ao criar o Vale do Amanhecer, Tia Neiva cria um conjunto de regras e normas que inferem qualquer reprodução sem autorização ou permissão dela. Regras e normas denominadas pelos líderes de leis do amanhecer. Essas leis correspondem a uma espécie de controle dos corpos nos espaços/rituais e impõe uma perspectiva de respeito dos liderados para com os líderes. (p. 3 e 4).

Mas tais concepções teóricas não nos cabem pensar neste artigo, desde que o nosso interesse fim é chegar ao patriarcalismo, ao qual, a doutrina dará ênfase sobre a hierarquia e a necessidade de obediência por ela. Pois, ao criar um conjunto de regras e normas para o espiritualismo cristão do Vale do Amanhecer, Neiva desautoriza qualquer reprodução sem sua permissão e antes de falecer (ou desencarnar como se diz na doutrina), ela deixou uma espécie de perpetuação de poder religioso, que é pautado pelo patriarcalismo, ou seja, após ela os seus, marido e filhos (homens), é que comandariam a doutrina religiosa. A potência é essencialmente masculina nas leis deixada pela Clarividente.

Isso se configura em mais um arcabouço de criação de conceitos ao qual se tenta envolver o pensamento cosmológico explicado por um tom científico. Dentre eles destacamos um que se desenvolve neste aspecto, chamado de polaridade energética. Tal categoria conceitual enfatiza que a polaridade energética do homem é positiva, e da mulher, negativa, e que é por isso que se completam, pois se equilibram. A partir da dualidade ao qual o conceito traz, se explicam uma gama de atribuições aos sexos nos rituais do Vale do Amanhecer; as vestimentas, as posições rituais e sociais na doutrina, etc.

Outras concepções caracterizam a posição dualística dos gêneros sobre a hierarquia e o controle dos corpos e muitas não existem uma explicação supostamente científica. Vejamos sobre as leis, somente os homens podem comandar os trabalhos/rituais e serem presidentes de templo, a mulher⁵ cabe ser a sua companheira nos rituais e a alguns outros afazeres que seriam supostamente femininos. Sobre a classificação dada a cada um dos gêneros, ao homem o “mestre”, que poderíamos pensar na exaltação de um ser sábio dotado de certo conhecimento, a

mulher a “ninha”, um ser elemental mágico que representa ternura, carinho e fragilidade. Poderíamos passar a discutir várias análises acerca do pensar espiritualista cristão do Vale do Amanhecer sobre as categorias de gênero, no entanto focaremos agora sobre uma reflexão ao qual discutiremos no capítulo posterior. Se assim conceitua a doutrina do Vale do Amanhecer sobre as concepções de sexo e gênero, dentro de um dualismo normativo, o que pensa a doutrina sobre a homossexualidade?

2. Análises dos discursos sobre a homossexualidade na visão espiritualista cristã do Vale do Amanhecer

Desde a publicação de *História da Sexualidade: a vontade do saber*, entre outras obras, Foucault (2012) vem trazendo luz aos pesquisadores que se aventuraram as análises das temáticas que em seus discursos envolvem a sexualidade como categoria de interferência social.

Embasados pelas perspectivas teóricas que Foucault nos concebe, conseguimos pensar sobre o caráter do discurso acerca de algumas instâncias (aqui enfatizadas pela religião e a ciência), as mesmas conotações repressoras ao qual Foucault visualizava na constituição da sexualidade até o século XIX e depois dele.

Através do discurso, e do poder a que ele gera, Foucault nos coloca frente ao domínio religioso sobre o cristianismo e a geração dos corpos dóceis na constituição desse discurso, corpos que são controlados através dos discursos de crença que se embasam de um construto cosmológico ou mítico da realidade humana.

A doutrina do Vale do Amanhecer sobre um caráter também cristão, não se classificará diferente das demais ramificações do cristianismo. As construções com base a sexualidade terão grande ênfase nos discursos religiosos.

O que primeiro precisamos analisar é a crença sobre a magia sexual. Essa concepção teórica bem kardecista e conseqüentemente cristã, impõe o sexo a uma medida a se conservar. Acredita-se que o sexo não pode se manifestar por formas “promiscuas”, que é necessário pensá-lo como articulação do amor entre duas pessoas. Essa perspectiva embasa a teoria do sexo como monogamia, e que, o que passa dessas bases, pode está no espaço do que seria promiscuo, assim como qualquer interesse casual de fazer sexo somente por satisfação. A magia sexual é a forma energética a que se trabalha sobre o sexo. O espírito encarnado que sente desejos erótico-sexuais compulsivamente, precisa tratar-se pela magia sexual de

seu carma, pois isso pode ter grandes consequências dos feitos de suas vidas passadas (GIUMBELLI, 2005; MACHADO e PICCOLLO, 2010). Dentro dessa teoria esquece-se que o sexo é uma necessidade humana.

A homossexualidade nessa visão é um carma, que quem vai escolher superá-lo ou não, é o sujeito homossexual. Neiva no texto *Sodomias*, escrito no livro *Sobre os olhos da Clarividente* (s/d), vai trazer concepções muito além da espiritual de um carma. Na história muito conhecida como *O Cabeça Grisalha*, a homossexualidade se caracteriza como uma doença física e espiritual que se manifestará em cada sujeito por uma consequência diferente, que sai desde desilusões amorosas ou traumas de infância aos acontecimentos de vidas passadas.

O espiritismo kardecista resume a homossexualidade a uma sequência de várias encarnações sobre um mesmo sexo, e por isso, a manifestação do desejo pelo mesmo sexo. Para o espiritismo kardecista um espírito que reencarnou várias vezes como homem pode trazer numa reencarnação como mulher todos os comportamentos e desejos supostamente masculinos de suas vidas anteriores. No entanto, esse será seu carma, pois mesmo desejando outra mulher, o “certo” para o espiritismo é conter o desejo e seguir o seu “sexo natural”, ou seja, seguir o determinismo biológico, para iluminar-se. O natural então seria a dualidade dos sexos em favor de um suposto equilíbrio e da reprodução (MACHADO e PICCOLLO, 2010).

No Vale do Amanhecer a necessidade de assumir seu sexo biológico é clara para os homens mestre, comandantes e presidentes de templos. É uma regra a ser seguida de acordo com o acervo *Observações Tumarã* (2008).

Por isso podemos admitir, na Doutrina, um componente homossexual, mas devemos esclarecê-lo para a necessidade de se manter dentro de um comportamento em que se mantenha usando as indumentárias apropriadas para seu verdadeiro sexo. [...].

Assim, para aquele que se apresenta para o Desenvolvimento, trazendo a carga de uma homossexualidade ativa e aparente, devemos, com muito tato e respeito, informar a necessidade de assumir sua real condição de homem ou de mulher, para caminhar na Corrente, podendo, fora dela, usar seus artificios e assumir a forma que lhe fizer feliz.

Temos que respeitar o homossexual como a qualquer outra pessoa, porque tem um pesado resgate em sua trajetória, uma vez que a maioria dos casos implica no reencarne de um espírito com grandes dívidas transcendentais, que se perdeu na tônica sensual em vidas

passadas, e que volta a este plano para o reajuste. (letra H do acervo, s/p).

Podemos notar uma grande tentativa de pensar a inclusão ou aceitação de homossexuais na doutrina, se embasando pelo discurso do respeito e da ideia de compaixão ao carma que trazem sobre a teoria reencarnacionista. No entanto, seria claro que a travestilidade e a transexualidade, sobre a base das construções ritualísticas, não podem adentrar nos espaços religiosos, na condição participativa, sobre o seu caráter de identidade de gênero. Neste caso, mesmo tendo identidade e corpo de uma mulher, a travestir e o transexual deve manter-se assumindo seu “verdadeiro sexo”, comportando-se e vestindo-se como tal, nas situações ritualísticas e no espaço sagrado.

Tentando dar sentido científico atrelado às ideias míticas, o autor de *Observação Tumarã* (2008) aproxima suas teorias de ciências como à psicologia, a psicanálise e a genética, para então determinar causas, tendo em vista pensar-se como uma patologia mental. Sendo assim aponta no seu discurso a cura ou a existência de tratamento para “homossexualismo” pela doutrina do Vale do Amanhecer.

Desilusões, traumas infantis, desvios da função sexual, desajustes da libido, muitos outros fatores determinam a homossexualidade, que devem ser objeto de atenção dos pais desde a infância de seus filhos, e cabe a nós, na Doutrina, o atendimento de cada caso da melhor forma que possamos fazê-lo, cientes de que a sensibilidade dos homossexuais é muito mais acentuada, poupando-lhes humilhações e ofensas, buscando harmonizá-los com as Leis do Amanhecer e explicando a necessidade de assumir, caso comecem seu Desenvolvimento, a posição compatível com seu sexo real, a fim de que sejam evitados incidentes nos trabalhos espirituais.

Há inúmeras causas para o homossexualismo, mas, na maioria, oriundas da má orientação paterna.

Mas, sejam de origem transitória ou transcendental, o remédio é a intervenção oportuna, tanto na cura médica como na cura espiritual.

O período ideal para intervir é entre os sete e os dezoito anos, embora possa haver cura mesmo depois dessa idade. Tudo depende do estado do paciente e das várias particularidades de cada caso. (letra H do acervo, s/p).

Tantas tentativas de aproximação com ciências, apresentando discursos que parecem querer compor-se no estado de razão, não caracterizam qualquer

função que provem a homossexualidade como uma patologia. Foucault (2012) ao caracterizar o discurso científico como mais um precursor dos estigmas acerca da sexualidade, nos esclarece sobre uma reflexão do que está no campo do normal e do patológico, e de quem convencionou e legitima cada classificação. As ideias passam o poder de legitimação das ciências médicas através dos discursos. Poderíamos então pensar se a razão científica as quais as teorias que julgavam o espiritualismo cristão não foram influenciadas também pelos mesmos discursos que almejam interesses capitalistas de poder, ao tempo que se legitimam no campo da verdade pelo o discurso de cientistas? São concepções realmente vindas de espíritos ou seres sobrenaturais, ou são construções sociais influenciadas pelos mais vários discursos?

As causas ao qual cita o autor de *Observações Tumarã* serão bem enfáticas no texto *Sodomias*, escrito e narrado por Mário Sassi, último marido de Neiva. O texto trata-se de uma conversa entre os dois sobre um dos pacientes de Neiva, a quem chama de *O Cabeça Grisalha*. Neste texto a médium adota várias causas de origem supostamente científica e cosmológica, colocando sobre a vida de um único homem, todas as causas imaginadas para a homossexualidade. Coloca suas ações e comportamentos como dívidas que ele teria de pagar.

A primeira causa é dada pelo discurso da desilusão amorosa com uma mulher. A imaginação recorrente as desilusões são altamente criticadas hoje, questiona-se a homossexuais como sabem se gostam ou não do sexo oposto, se nunca provaram? Mas quem afirmou que alguns nunca provaram? E quem realmente não provou, qual a necessidade de provar? E se colocarmos em contraponto a heterossexualidade, como sabe que não gostam do mesmo sexo se nunca provaram? Todas as pessoas têm realmente que se afirmarem sexuais? Ser rejeitado por alguém do sexo oposto, é realmente suposto de aversão ao sexo? Todas as pessoas são iguais? A desilusão na história foi uma causa que colocou a homossexualidade na categoria de “práticas anormais” pela médium, que ao mesmo tempo se colocou como cura do Cabeça Grisalha.

Aos vinte anos, ele se apaixonou por uma jovem, com mais ou menos a sua idade, mas teve medo de ser impotente, pois nunca havia sentido atração sexual. Embora se preocupasse muito com o problema, tinha idéias tão falsas a respeito que só o sentiu, mesmo, quando começou a amar e pesou a responsabilidade.

O fato é que, preocupado, não prosseguiu na corte, e a moça, alguns meses depois, se casou com outro.

Ele entrou em estado depressivo, e começou a beber. Embriagava-se constantemente, e chegou ao ponto de perder a consciência do que fazia nesse estado.

Várias vezes tentou o suicídio, sem conseguir seu intento.

Inexoravelmente, foi se entregando às práticas anormais, e se tornou escravo da homossexualidade.

Procurou a Psiquiatria, a Psicanálise, e, até mesmo, tentara se converter a uma religião, tudo sem resultados. Eu era sua última esperança. (Sassi, s/d, p. 109).

Em um segundo momento as causas são explicadas pelo plano cosmológico. Nesta parte da história, Neiva aparece com o dom da clarividência para entender o que foi feito pelo espírito do Cabeça Grisalha “para carregar o peso da homossexualidade”. Ela se utiliza das cidades de Sodoma e Gomorra citadas na bíblia cristã para narra as supostas vidas passada do Cabeça Grisalha.

Diante dos meus olhos, foram aparecendo cenas de Sodoma e Gomorra. Eram cenas degradantes de práticas sexuais bizarras. Pude ver pessoas de alta categoria social se entregando às práticas bestiais, sempre prevalecendo à exploração dos poderosos contra os menos afortunados.

Na repetição dos enredos se notava o assassinato como a última etapa da sanha animalesca.

Mediante uma técnica, para mim incompreensível, fui percebendo o que se passava com as vítimas daquele inferno físico e moral. Os espíritos desencarnavam com tanto ódio que, rapidamente, se transformavam em ovóides. [...]. (Sassi, s/d, p. 109).

Com a criação de uma nova categoria para compor ao espiritualismo cristão, Neiva apresenta o ovóide, uma espécie de espírito vampiro que toma forma de ovo e aloja-se no corpo espiritual de um indivíduo, afetando diretamente seu físico com alguma doença. A causa disso é uma cobrança das relações de suas vidas passadas. Essa perspectiva tende a querer explicar como se desenvolvem doenças, dentre elas distúrbios mentais no corpo humano. As consequências com relação ao carma não são aleatórias ou simplesmente acontecem, elas tem um julgador (Deus), que julga se um espírito poderá cobrar o outro em certa vida.

No caso dos ovóides, esta é a forma mais simples que um espírito pode tomar depois de uma encarnação. E não é só a forma que importa, mas, também, a concentração dos princípios vitais, como no ovo das aves, dos répteis, etc. Os espíritos ovóides são os mais comuns no mundo invisível que nos cerca. Eles enxergam e ouvem,

num raio de dois metros em torno deles. Sua capacidade de aderência é espantosa. Por invisíveis mecanismo de ódio, eles aderem ao encarnado, e provocam os mais variados sintomas de moléstias, em sua maioria de ordem convulsiva. A esses espíritos se devem doenças como labirintite, meningite, deformações da coluna, disritmia e inúmeras formas de distúrbios mentais e neurológicos.

Sua aderência se faz de duas maneiras: por compressão e por vampirismo. Atuam como corpos estranhos no organismo e, ao mesmo tempo, como sanguessugas, alimentando-se de nutrientes nobres do organismo, como hormônios e plasmas sutis.

Aqueles espíritos desencarnados naquela era remota tomaram, pois, a forma ovóide, e ficaram, durante alguns milênios, esperando a reencarnação apropriada de seus algozes, que lhes dariam o momento das cobranças.[...].

No caso presente, aquele seu cobrador, naturalmente com a permissão de Deus, se instalou, aderindo-se ao aparelho genital do Cabeça Grisalha, que passou, sem o saber, a candidato à impotência a sodomia. (Sassi, s/d, p. 110).

Esse espírito, denominado de ovoide, traria consigo uma carga de ódio que seria o suposto discursivo que inferia na infecção físico/espiritual do ser homossexual sobre a perspectiva de um carma. Então, para ser a causa da homossexualidade, ele se alojaria na região sexual do ser a ser cobrado. Estando em outro lugar do corpo, seria suposto de outra patologia.

No terceiro momento da história, as perspectivas conceituais acerca de uma suposta prevenção, se caracterizariam pela categoria da culpa. Neiva em seus discursos põe a culpa em pais e educadores pela não interferência – que para ela parece clara – da homossexualidade em um indivíduo.

Se ele tivesse recebido melhor atenção de seus pais, dos professores e das pessoas que o cercavam, tanto seu aspecto físico como seu comportamento teriam denunciado a anormalidade.

A criança, quando é sadia, chora bem alto, para garantir sua alimentação, e assim são todos os seus atos subseqüentes.

A primeira anormalidade que deveria ter sido notada no Cabeça Grisalha era justamente essa, de introspecção, timidez excessiva e ares de geniozinho solitário. A ausência de uma educação sexual sadia e a presença atuante da educação deformada completaram o serviço. No lugar da manifestação sexual normal, condizente com cada etapa do crescimento, o nosso amigo mergulhava, cada vez mais, na anormalidade. A aversão por meninas, seguida pela etapa de apaixonamento fácil, é um importante sintoma de normalidade.

Mas se houvesse, digamos, apenas um cuidado educacional, sem qualquer consideração espiritual, seus pais e seus circundantes atuariam na sua psique e ele se defenderia melhor. Cuidados clínicos proporcionariam o equilíbrio hormonal e ele consolidaria seu mecanismo sexual.

Devido à falta disso, o seu ovóide obsessivo absorveu toda, ou quase toda, energia hormonal e seu sistema psicofísico sexual ficou irremediavelmente perdido. Daí para a sodomia foi o passo mais lógico. Se ele fosse ainda mais afortunado e tivesse recebido cuidados mediúnicos, teria, então, compensado a alimentação hormonal. Seu cobrador, embora realizasse a cobrança, o reajuste, o faria com menores danos. (SASSI, s/d, p. 111).

Esse é um dos momentos cruciais quanto ao discurso das categorias de gênero enquanto construção social, aos quais as teóricas feministas sempre defenderam. A intervenção proposta no diagnóstico da Clarividente, segue exatamente os construtos de classificação e imposição dos sexos, impedindo qualquer forma de manifestação ou identificação, sob as concepções dos desejos a sexualidade.

E quanto à religião, é uma faca de dois gumes. Se, de um lado, traz um comportamento moral, por outro traz a má interpretação dos fatos naturais. Em todo caso, creio que o balanço ainda é favorável à religião. Sem ela, as manifestações sodomitas seriam mais numerosas com a liberdade social.

Talvez a prisão moral-religiosa seja mais dolorosa, faça com que o indivíduo sofra mais. Mas será sempre menor o número de indivíduos anormais, isolados nos seus complexos.

Já a atitude liberal, não religiosa, tira o sentido verdadeiro de anormalidade, para conceituar a sodomia quase como uma coisa normal. Haja visto a notícia que a gente tem de classes, ajuntamento de sodomitas e, até mesmo, casamento entre homens, como os jornais noticiam de vez em quando. É preferível a tirania religiosa! (SASSI, s/d, p. 113).

Podemos perceber a interface a que se refere em *Historia da Sexualidade* de Foucault (2012) e o discurso religioso ao qual o Vale do Amanhecer se apropria, tentando dar forma científica e racional sobre os meios que legitimavam patologias, e pensando de forma mítica, justificativas para esses discursos.

Pollak (1990) ao nos trazer luz acerca da patologização da homossexualidade através da AIDS, nos mostra em sua história, a também patologização da homossexualidade como distúrbios mentais, e o grande interesse das ciências pela

venda de tratamentos impositivos de normatização de indivíduos. Tal interesse, não seria um suposto de procura do Vale do Amanhecer como cura?

Existe um embaralhado de conceitos a que o espiritualismo cristão do Vale do Amanhecer se apropria sobre o caráter de construções sociais históricas sobre a homossexualidade. O que poderíamos pensar o quão presente e míticas elas foram, desde que já eram vistas e revistas por pesquisadores, mas que o espiritismo tenta resignificá-las para entoar em um caráter de razão.

Como já havia percebido Machado e Piccolo (2010), o que existe é uma aceitação com restrições das doutrinas espíritas kardecista sobre a homossexualidade. No Vale do Amanhecer também. Contudo, as concepções as quais se baseiam suas regras e normas são bem mais ferrenhas. Essa aceitação tem sempre um lugar para a homossexualidade como Petter Fry (1982) já havia mostrado em seu livro *Para inglês ver*, em um estudo sobre as homossexualidades masculinas em cultos, o que existe é uma hierarquia que posiciona corpos em face de suas sexualidades.

As últimas falas que a Clarividente professa no texto, mostra a sua convicção da anormalidade da homossexualidade, e diverge no que prega sobre o tripé de sua doutrina religiosa; “amor, humildade e tolerância”. Antes de seu tripé “é preferível à tirania religiosa” ou “que o individuo sofra mais”.

Mesmo tendo sido escrito na década 1980, o texto *Sodomias* traz perspectivas que mostram um pouco sobre a moral religiosa do Vale do Amanhecer com relação à homossexualidade. Essas perspectivas afetam em grande parte aqueles homossexuais que tem acesso (coisa rara na religião), causando confusões e busca de sentido para seus carmas com a homossexualidade. Confusões que se caracterizam pelo acreditar adoecer em caráter físico/espiritual, buscando sua cura sem resultados maiores.

Considerações Finais

As características históricas ao qual se fundamenta o Vale do Amanhecer, tendem a trazer uma discussão ampla acerca de sua identidade. Mesmo tendo como base o espiritismo kardecista (Francês) e o candomblé (Africano), o Vale do Amanhecer se concebe com uma identidade própria, a espiritualista cristã, no qual são formadas as identidades dos sujeitos participantes da doutrina religiosa.

Essa formação é dada a partir do empoderamento de sua fundadora, a Tia Neiva, médium clarividente que ao criar a doutrina religiosa trás sobre seu seio fundamentos e regras que resultam na identidade do sujeito participante. Da mesma forma que regulam comportamentos e ações no espaço sagrado. As normas e regras que organizam o Vale do Amanhecer partem do suposto característico do capitalismo, a hierarquia, por conseguinte a desigualdade perante demais relações de poder.

Isso nos dar bases a pensar que, inspirada pelas ideologias de uma perspectiva cristã com bases patriarcais e o suposto do capitalismo que partem da hierarquia, poderíamos então chegar à criação do suposto discursivo ao qual se fundamenta a visão do Vale do Amanhecer, dentre esses, a sexualidade como temática de interesse.

Pensar as homossexualidades conforme o discurso citado nos livros e documentos da doutrina religiosa é ressuscitar alguns mortos do passado que condenaram a homossexualidade, levando a partir de seus ideais, falas que seriam legítimas por se compreenderem nos campos da ciência, da religião e da política. A começar pelo texto *Sodomias* e o termo ao qual se intitula. O que então se refere ao texto, a fundadora muito clara de suas concepções cosmológica, trás sobre uma perspectiva de culpa alguns determinismos como causas para uma suposta doença sexual ou desvio sexual, que poderíamos caracteriza em determinismo biológico, as concepções que expõe a genética como fator do ser homossexual; um determinismo cosmológico, ao qual se refere à homoafetividade como carma; e um determinismo psicossocial, quando enfatiza a culpa das instituições sociais as quais um sujeito vive e que consequentemente interfere nas suas relações sociais. Os três determinismos se enlaçam em meio a uma confusão de ideias sobre a história de um único sujeito.

As bases a que se inscreve o texto *Sodomias* enfatizam classificações históricas que sempre estiveram relegando a abjeção, a homoafetividade. O que pode causar em um homossexual participante da doutrina religiosa, conflitos com os quais questione sua própria aceitação no espaço sagrado, desde que foi o “espírito da verdade” que lhes deu a condenação. Logo, as bases se desestabilizam com os conflitos de ideias, hora uma doutrina sem preconceitos, hora configurações morais que condenam e culpam, além de levar a pensar a aceitação de uma vida marginal, porque uma divindade lhes determinou que vivesse.

Ressuscitar fantasmas é conceber medo pelo desconhecido. Se assim pensarmos, os mortos das concepções teóricas do *Cabeça Grisalha* poderiam se materializar como falta do conhecimento de se próprio, como o medo de ter uma doença, como o receito de ter feito mal a alguém em uma vida anterior e ter que pagar por isso nessa vida, como ter vergonha perante os demais pela sua sexualidade, como culpar pais e professores por nunca terem entendido os silêncios da vida. Enfim, a ruptura com bases em algumas acusações causam conflitos internos que geralmente se manifestam em questionamentos de se próprio.

Durante nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de encontrar dois sujeitos que confirmam, com suas histórias de vida, as hipóteses que trouxemos nessas considerações finais. No entanto, preferimos não trazê-las nesse momento, postergando essa curiosidade para outras futuras publicações.

Referências bibliográficas

- ARAUJO, A. *Espiritismo esta loucura do século XIX: ciência, filosofia e religião nos escritos de Allan Kardec*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.
- BIANECK, Desirée Varella. A culpa, a reencarnação e os novos paradigmas da ciência. *Revista de Psicologia*. Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 127-135, jan.-jun. 2012.
- BIRMAN, Patrícia. Transas e Transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. *Estudos Feministas*. Florianópolis v. 13, n. 256, p. 403 – 414, mai./ago. 2005.
- CALOU, Antonio Leonardo Figueiredo. Política e Religião na perspectiva comparada: as histórias que narram a chegada do Vale do Amanhecer no Cariri Cearense. In: 14º Congresso de História da Educação no Ceará. *História de mulheres: Amor, Educação e Violência*. Fortaleza, UFC, jun. de 2015.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade do saber*. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 22º ed. São Paulo: Graal, 1988.
- FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar editora, 1982.
- GIUMBELLI, Emerson. (Org.). *Religião e Sexualidade: convicções e responsabilidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Salvador Gentile. Revisão de Elias Barbosa. 134º ed. Araras/SP: Instituto de Difusão Espírita, 2001.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. de Guillon Ribeiro. 131º ed. Brasília: FEB, 2013.

MACHADO, Maria das Dores Campos e PICCOLO, Fernanda Delvalhas. (Org.). *Religiões e Homossexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

NATIVIDADE, Marcelo. Entre o 'Pecado' e o 'Amor' de Deus: comentários sobre a experiência da homossexualidade em igrejas evangélicas tradicionais e igrejas inclusivas. In: PASSAMANI, Guilherme R. (Org.). *Contra Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual*. Campo Grande: Editora UFMS, 2011, p.105 - 116.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social: Revista de Sociologia USP*. São Paulo. V. 5, nº 1-2, p. 113 – 122. 1994.

POLLAK, Michel. *Os Homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

SASSI, Mário. *Sob os olhos da clarividente*. Brasília: Mestre Kazagrande Acervo Digital, s/d.

SILVA, José Carlos Nascimento. *Observações Tumarã*. Brasília: Mestre Kazagrande Acervo Digital, 2008.

TOLOVI, Carlos Alberto. Espiritualidade e Espiritualismo. *Tendências Caderno de Ciências Sociais: Ciência e Experiência – artigos e ensaios sobre espiritualidade*. Crato – CE, n. 3, p. 17 – 38, set. de 2005.

¹ Por se tratar de conceito histórico, “homossexualidades” será uma palavra encontrada algumas vezes durante o texto, pois quando empregadas estaremos enfatizando a sexualidade enquanto discurso.

² As considerações conceituais ao qual falamos, se caracterizam pelos estudos teóricos ao qual analisamos o Vale do Amanhecer.

³ Ao se remeter ao espírito da verdade, o autor se preocupa em justificar a passagem bíblica de João (XIV, 12 a 17 e 26), em que fala de Jesus como este espírito consolador.

⁴ No Vale do Amanhecer, a oração cristã, conhecida como “Pai Nosso”, é resignificada e modificada em alguns trechos, movendo em seus enunciados para o entendimento e acolhimento as teorias espíritas. Em algumas partes da oração essa resignificação é bem enfática, por exemplo, “assim na terra como nos céus”, a palavra “céus” é trocada pela expressão “ciclos espirituais” que denotaria uma explicação espírita para “céus” que vem na oração no plural. Para os adeptos, não existe um único céu, um paraíso como se acredita no cristianismo, mas ciclos espirituais, em que cada espírito ao desencarnar irá ocupar julgado pelas suas atitudes quando encarnado.

⁵ A mulher de um presidente é chamada de Áponara, uma espécie de primeira dama na hierarquia da percepção espiritualista cristã, mas que tem funções específicas no templo.

Recebido em 29/10/2019, aceito para publicação em 06/11/2019.